

OS MESTRES
DE ROUSSEAU

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gadotti, Moacir

Os mestres de Rousseau / Moacir Gadotti — São Paulo : Cortez, 2004.

Bibliografia

ISBN 85-249-1010-0

1. Autobiografias 2. Gadotti, Moacir, 1941- 3. Rousseau, Jean-Jaques, 1712-1778 I. Título.

04-1752

CDD-923.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Educadores : Autobiografia 923.7



Primeiras palavras

*Sur le penchant de quelque agréable colline bien ombragée,
j'aurais une petite maison rustique,
une maison blanche avec des contrevents verts¹.*

Este livro começou com uma reflexão sobre a existência, a minha, sob a inspiração das *Confissões* de Rousseau, a partir da leitura e da escrita de meus diários que iniciei quando tinha 14 anos de idade, há cinquenta anos. Não tinha título algum. Nem qualquer intenção de publicar o que estava escrevendo. Um diário íntimo só tem sentido para quem o escreve. Um diário íntimo não tem coerência. Ele reflete apenas os sentimentos do dia em que foi escrito. Nos meus diários não há coerência. Há muitas mudanças, da noite para o dia, da alegria extrema à tristeza sem fim... como a vida. Ele reflete a vida, os momentos tristes e os momentos alegres. Reflete até a felicidade da tristeza. Mas tem muito sentido, sobretudo quando o *Diário* se estendeu por um longo tempo como é o meu caso: de 1954 até hoje. Meio século! Sem ele eu não poderia reconstituir minha própria história, pelo menos não com as palavras que então empreguei.

— Para que serve um diário?

Ele serve como um ajuste de contas consigo mesmo. Com o tempo, pensei em tornar-me objeto de minha reflexão. Pensei em fazer

1. Na encosta de alguma colina bem umbrosa, teria uma pequena casa rústica, uma casa branca com portas e janelas verdes (J.-J. Rousseau. *Émile ou de l'éducation*, 1762, p. 459).

uma auto-reflexão. Aí sim, estava nascendo um livro. Mas o que ia escrevendo me parecia demasiadamente centrado numa biografia pessoal. Era pretensão demais escrever sobre mim mesmo. Tinha que ter alguma razão especial para escrever um livro. Não queria escrever uma autobiografia, mesmo sabendo que as biografias e as autobiografias tenham chamado a atenção cada vez maior de muitos leitores. Durante alguns anos fiquei lendo biografias, as mais diversas, e, particularmente, vidas e memoriais de professores. Eles me dizem muito mais do que as suas pomposas teorias educativas. Às vezes penso que essas biografias respondem mais às necessidades cotidianas dos educadores do que os grandes discursos pedagógicos.

Isso não se restringe ao campo da pedagogia. Gostei sobremaneira de um livro de Ladislau Dowbor (2000), justamente porque ele consegue mostrar que está na economia para entender melhor o mundo e não porque "gosta de complicações". É uma autobiografia na qual ciência, vivência e consciência, identidade e cultura formam um todo; na qual os conceitos econômicos e a luta pela liberdade surgem como uma necessidade vital. Ele não precisou reprimir a emoção para ser rigoroso e para mostrar os dilemas econômicos da atualidade. E mais: escreveu um livro gostoso de ser lido.

Aprendemos com a própria vida, ensinava Paulo Freire. Nada melhor do que mostrar o que aprendemos com ela, por meio dela, para descobrir o sentido da educação que deve estar centrada na vida. *A vida manifesta-se por meio de quem somos, de nossa identidade, de nosso percurso, de nosso curriculum vitae: família, religião, amor, comunidade, amigos, escola, partido, sindicato, movimento, convívio com a natureza... enfim, nossos vínculos mais profundos com todos os seres e com o universo. Como diz Rousseau em seu livro Profissão de fé do vigário de Sabóia, tudo o que aprendi foi pela "inspeção do universo"... pela "leitura do mundo", diria Freire.*

As **narrativas autobiográficas** estão se tornando cada vez mais importantes como matrizes pedagógicas de formação². O que aprendemos com nossos pais? Como aprendemos a ler, a escrever, com

2. Veja-se António Nóvoa (Org.). *Vida de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

quem? Onde e como adquirimos os valores que estão guiando nossas vidas? A obra de Paulo Freire ilustra bem esse fato: está toda entrelaçada por relatos autobiográficos. Quando ele fala de educação, invariavelmente, fala da sua educação, da educação que teve e que estava tendo. Por isso podia falar da educação "em geral". Introduzir **narrativas de vida** dos educadores no currículo é introduzir vida nas nossas instituições escolares.

É preciso distinguir "estórias de vida" de "histórias de vida". As estórias dizem respeito principalmente aos relatos orais de pessoas que contam a sua vida sem a intenção de estudá-la. Ao contrário, as **histórias de vida** fazem parte dessa metodologia histórica que tem na biografia uma fonte preciosa de informação para entender melhor não só uma pessoa, mas também um grupo social, uma sociedade. O método biográfico e autobiográfico tem sido utilizado cada vez mais na educação, principalmente a partir dos anos 80, sobretudo na formação continuada dos docentes. Como diz Paulo Freire (1997, p. 43), "na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática". Toda a obra de Paulo Freire é marcada pela oralidade e pela narrativa autobiográfica.

Muitas vezes me perguntava se é importante lembrar o que fizemos, refletir sobre nossa própria experiência, lembrar nossa vida na escola como alunos e depois como educadores. Encontrei uma resposta a essa preocupação em Duccio Demetrio. Ele sustenta que tratar os temas de nossos estudos de forma autobiográfica suscita e cria memória, permitindo construir novos futuros e novos sentidos para nossas vidas³. Segundo ele, o método autobiográfico é muito apropriado para a formação intelectual do educador.

E precisamos formar os novos educadores para que as escolas do futuro tratem mais do amor, da dor, do projeto de vida, da morte, do cotidiano das pessoas, da afetividade. As pessoas têm medo de encontrar-se consigo mesmas, de escutar o seu próprio silêncio, inclusive porque a escola não deu importância a esses temas. Questões pessoais

3. Duccio Demetrio, La formazione degli adulti: apprendimento e progettualità interculturale. In Elisabetta Negriz (Org.). *Educacione interculturale*. Milano, Bruno Mandadori, 1996, pp. 363-365.

e subjetivas são sempre relegadas para um segundo plano, quando deveriam ser parte essencial do currículo de qualquer escola.

Rousseau é outro exemplo, muito vivo e instigante, dessa abordagem. Ele pode ser considerado paradigmático nessa questão. Foi um educador completo. Como poucos, penetrou no mais profundo da alma humana, desvendando o mais oculto que nela se encontra. O que ele encontrou na sua própria existência⁴ encontra-se também na história de todos os homens. Se educar é humanizar, como dizia Paulo Freire, a ação educativa deve ser exercida no cotidiano, na prática vivida, levando em conta as questões existenciais vividas cotidianamente.

Dizem que as pessoas começam a falar de si, começam a escrever autobiografias quando descobrem que estão morrendo. É como se fosse uma última mensagem. Mas não precisamos chegar tão longe. Eu vejo que, para viver bem e com sentido, precisamos constantemente refletir nossa vida, escrevê-la e reescrevê-la. Por isso, precisamos ensinar as crianças, desde cedo, a contar sua vida, a escrever sua biografia. Para se educar, elas precisam escrever sua história, reescrever constantemente suas vidas. A educação precisa ser biófila e a autobiografia, comprovadamente, é uma forma — para não dizer uma técnica — muito eficaz de encontrar sentido para nossa vida, de centrar a educação na vida.

Comecei a escrever sobre o sentido da vida, com o tema **Raison d'Être**, do francês, "razão de ser". Aliás, *Raison d'Être*, foi o primeiro título deste livro. Havia aprendido, em Genebra, com meu mestre, o professor Paul Ricoeur, durante os anos 70, que eu não sou o autor da minha existência, mas eu me faço aí co-autor quanto ao sentido dela⁵.

4. "A existência é portanto propriamente consciência de existir, existência em si mesma e também experiência vivida" (Pierre Burgelin. *La philosophie de l'existence de J.-J. Rousseau*. Paris: PUF, 1952, p. 125). Não se pode falar da existência em geral, com propriedade, sem falar da experiência vivida.

5. E Paul Ricoeur continua a me ensinar sempre com suas sábias reflexões. Em julho de 2003, ele completou 90 anos de idade. Um repórter do jornal *O Estado de S. Paulo* (3 ago. 2003, p. D6) lhe perguntou: "Como o senhor aborda os 90 anos que acaba de completar?". Ele respondeu: "Cada idade tem sua parte de felicidade, suas agruras e perigos. Entre os perigos da idade avançada, destacaria a tristeza e o tédio. A tristeza de se preparar para deixar tudo isso proximamente. Eu me preparo tranquilamente, abandonando muitas coisas. É todo um trabalho de despojamento que se processa. Agora, se a tristeza não é contro-

Perseguia-me a resposta à **questão do sentido**, do sentido da vida, a razão da existência, da minha existência. Mas havia uma razão forte que me demoveu da idéia de centrar-me apenas na questão da existência. Outros já haviam escrito sobre o tema. O título, em francês, também não me agradava. Achava-o pedante e colonialista.

No decorrer da escrita deste texto, mudei, então, a direção e coloquei o título de *Pedagogia da existência: ensaio sobre o sentido da vida*. Afinal **sou pedagogo** e, como tal, quando falo da existência, mesmo que seja da minha, estou fazendo pedagogia. Ademais, Paulo Freire, naquele momento, nos havia recomendado, no Instituto Paulo Freire, que nossos livros deviam realçar, no título, a palavra "pedagogia". Ela deveria ser valorizada tanto quanto a política e a economia.

Este livro tem muito de uma pedagogia da existência. Mas abandonei também essa ótica e esse título: o sentido da minha existência não poderia ser explicado nela mesma. O sentido da vida, o sentido da minha vida, está ligado a um sentido maior, ao sentido do outro, ao sentido de tudo. Sempre tive a sensação de que a pedagogia da existência tinha se preocupado, demasiadamente, com o sujeito individual. Ao contrário, mesmo afirmando a subjetividade, a identidade pessoal, o papel do sujeito na história, em todo o meu percurso, sempre tive uma preocupação social e histórica e não apenas individual. Uma sociedade justa não pode ser uma sociedade do Eu sem o Nós e nem do Nós sem Eu, mas do Eu com o Nós.

Precisava, então, encontrar um título mais apropriado. Pensei na Terra, no Universo. O sentido da minha vida está intimamente ligado à Terra. Tenho razões existenciais e históricas para chamar meu livro de "**Saudades da Terra**" ou de "**Pedagogia da Terra**". Como já escrevi um

lável, o consentimento à tristeza pode e deve sê-lo. É preciso não ceder nesse ponto. Porém, o pior é o tédio. Não aquele tédio da criança que, só e desocupada, pergunta: 'Mãe, o que posso fazer?', mas o tédio do ancião que se diz: 'Eu já vi tudo isso'. Pois a réplica contra o tédio está na capacidade de a pessoa continuar se surpreendendo, sendo atenta e aberta a tudo o que aparece de novo. Aos 90 anos, permaneço-me capaz de admirar e de me deslumbrar". Bom professor Ricoeur, você não só me ensinou a praticar a "observação participante" como me ensinou que a morte só existe com a ausência de projeto de vida, na falta de sentido para a vida. Há sempre alguma coisa a "admirar". Há sempre alguma coisa diante da qual podemos nos "deslumbrar".

livro com o título *Pedagogia da Terra*, havia sobrado apenas o título "Saudades da Terra". Fiquei com ele na cabeça por muito tempo. Nossa existência é um exílio. Estamos sempre com saudades. Minha existência própria explica-se por ela. Mas esse título também ficou para trás.

Relendo Rousseau, por quem sempre tive muita admiração, percebi que os **três mestres** do ser humano que ele anuncia no início do *Emílio* — o **eu**, os **outros** e as **coisas** — estão presentes em todo o seu livro na educação de Emílio e de Sofia. Mas ele não havia aplicado o seu método à sua própria existência. Educar é impregnar de sentido nossa existência, dizia Freire e o repete, incansavelmente, um de seus grandes amigos, o educador Francisco Gutiérrez. Ora, onde buscar o sentido senão em mim mesmo, nos outros e nas coisas?

Aos poucos, fui descobrindo que Rousseau estava presente na escrita deste livro, do início ao fim, quase que inconscientemente. Ele estava me oferecendo um fio condutor; um roteiro definitivo. Nada melhor do que homenageá-lo no título deste livro. *Os mestres de Rousseau* reúne todas as preocupações anteriores. Ele explica toda a trajetória deste trabalho.

Não quero, com isso, fazer aqui uma exegese da obra de Rousseau, nem me aprofundar na análise dos seus três mestres: nem ele o fez. Faça uma interpretação pessoal, livre e simbólica dos "seus" mestres e que foram também os "meus". Fiz uma **retrospectiva** da minha vida e verifiquei como esses três mestres me acompanharam todo esse tempo.

Não se trata de verificar, pedagógica e cientificamente, como e o que os três mestres de Rousseau me ensinaram ao longo de uma vida. Não se trata de uma tese sobre Rousseau. Não me considero outro Emílio nem seu preceptor. Considero-me um educando-educador, interessado em observar, ao longo de uma vida, como esses mestres intervieram, estavam presentes, na minha própria formação. Não tanto no intuito de provar ou de negar a hipótese de Rousseau. Apenas como um guia, um fio condutor deste trabalho. Na verdade, esse, como disse, não foi meu ponto de partida. Foi uma descoberta que fiz ao longo de um trabalho de pesquisa que durou muitos anos. Cada vez que me aprofundava na minha auto-reflexão, mais claramente apareciam os três mestres de Rousseau. Eles me perseguiram onde eu estivesse. Eu

tinha alguma coisa a ver com eles. Apareciam e não desapareciam mais. Estão até hoje presentes na minha trajetória de vida.

Por isso, nessa trajetória, tive que recorrer frequentemente a Rousseau. E percebi muito cedo que só valeria a pena continuar com ele se seguisse o seu propósito, manifesto nas suas *Confissões*, de apresentar-se "em toda a verdade", mesmo quando isso pudesse expor-me ao ridículo, mesmo quando o que fiz pudesse prejudicar-me ou prejudicar minha carreira. Nunca liguei para minha carreira, pelo que "os outros" pudessem dizer do que penso e do que faço.

Rousseau abre as suas *Confissões* com uma epígrafe: *Intus et incute* ("Do íntimo do ser", Persio, St. III, v. 30) e foi fiel inteiramente a esse propósito. Diz ele (p. 13, Ediouro, s.d.): "Eis o que fiz, o que pensei, o que fui. Falei com a mesma franqueza do bem e do mal. Não calei nada que fosse ruim, nada acrescentei de bom [...] Mostrei-me tal como fui; desprezível e vil quando assim aconteceu; bom, generoso e sublime quando assim me senti". Tentarei, de todas as maneiras, ser fiel a esse propósito de Rousseau. Eu tenho que ser fiel a Rousseau. Como educando eu só posso me educar na verdade e como educador só posso educar sendo eu mesmo, "em toda a sua verdade". O educador, ao falar da educação, está falando da sua educação.

No final da vida, Albert Einstein confessava aos amigos mais íntimos: "estranho ser esse que vem ao mundo involuntariamente e vive aí por pouco tempo sem saber por que". E completou: "eu sei alguma coisa sobre a natureza, mas ignoro tudo sobre o ser humano". Einstein era um homem simples e que perseguia explicações simples das coisas. Admirava a simplicidade e percebia que o ser humano é o ser mais complexo da natureza. Por isso, a busca da verdade se confunde com a busca da simplicidade.

Meu propósito é muito simples: a partir da minha própria existência fazer uma analítica da **existência**. Não desejo fazer uma exegese do que os filósofos falaram da existência. Recorro a eles apenas quando podem me oferecer alguma luz ao tema central deste livro. Ao contrário, quero falar da coisa da existência. Não me interessa também a ficção ou a autoficção. Não quero escrever um romance. Não me interessa sequer vender livros. Nunca me interessei por isso, para desespero dos meus editores. Não me interesso por *marketing*, por publici-

dade. Não me interessa a literatura pela literatura, mas pelos temas de que trata.

Não é autoficção, uma reconstrução do passado, uma autobiografia ficcional, como fez o escritor argentino Hector Bianciotti em seu belo romance *O que a noite conta ao dia*, em que ele nos fala também do tempo, porque a “noite” é o passado, e o “dia” é o presente. E há muitas coisas que o passado pode contar ao presente. Quando eu relato algum fato histórico, ele realmente aconteceu. Na maioria dos casos, quando me refiro a fatos do meu passado, trata-se de assuntos relatados em notas de meus diários. Claro, eu não os leio hoje com os olhos da época em que os relatava. Hoje eu tenho outro olhar, um olhar mais crítico. Bianciotti escreveu uma “autoficção” por entender que uma autobiografia é simplesmente impossível: nós não nos lembramos do fato em si: **memória** e **imaginação** se misturam. Isso é verdade, mas o que pretendo fazer é muito mais uma **confissão refletida**, não para me autoflagelar, me autopunir ou me elogiar, mas para conhecer melhor a mim mesmo, para buscar em mim uma resposta para minha existência e, assim fazendo, talvez poder contribuir para a compreensão da própria existência.

O passado é uma representação. Como representação o passado é sempre presente, ou melhor, a representação atual do passado. Não é bem o que “já passou”, mas o que está se passando. O passado está presente. Ele não se esgotou definitivamente. Li certa vez uma passagem de Ítalo Calvino, cuja referência perdi e que ilustra bem o sentido do passado tal como ele está presente neste livro: “Mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida em que ele prosseguia sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado presente, ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto”.

Não me preocupei em escrever para os brasileiros ou para os estrangeiros, para os amigos ou para um público em geral, embora não possa negar minhas raízes. Ao contrário, desejo afirmá-las e revê-las. Sempre escrevi a partir de um ponto de vista e não de um lugar abstrato. Diante da crise dos grandes modelos de pensamento — o liberal, o marxista, o funcionalista — e do esgotamento do modelo ocidental com sua pretensão universalizante, é importante afirmar a **iden-**

tidade. Os grandes sistemas tentam acabar com as identidades. Eu desejo fazer um apelo à existência e à identidade, numa época em que o modismo, o *marketing*, a globalização, tentam uniformizar a existência. Minha tese é de que cada ser humano faz diferença no universo, de que cada ser humano tem o direito de compreender a sua própria existência. Eu vou tentar compreender a minha. Por um método simples e direito a auto-reflexão. Heidegger dizia que existe um caminho direto para o ser. Sim, existe. Mas ele só se torna “direto” depois de uma longa caminhada, também pelas ciências.

Este é um livro que caminha movido por uma razão existencial, por uma lógica da vida e não por uma lógica instrumental. Há uma razão emancipatória, baseada numa compreensão histórica da existência pessoal e social. Cada época tem sua própria concepção da razão: razão instrumental, razão dialética, razão comunicativa. Penso aqui numa “razão molhada de emoção”, como nos dizia Paulo Freire, uma razão que emancipe no seu sentido etimológico de “retirar para fora das mãos de”.

É também um livro sobre **palavras** que se articulam entre si, palavras criadoras. Primeiras palavras: autonomia, solidariedade, iluminação. Foram sendo descobertas — “codificadas” e “decodificadas”, como diria Paulo Freire — seguindo os passos dos mestres de Rousseau. Tríades de palavras: *saudade, identidade, travessia*, que vão tecendo a autonomia; *busca, amor, utopia*, construindo a solidariedade; *terra, todo, universo*, buscando a iluminação. Palavras fundantes da existência, pilares da existência. Aos poucos vão surgindo outras palavras completando as primeiras: *tempo, trajetória, projeto, companheirismo, fé, amizade, família, ternura, cidadania, existência, totalidade, transcendência, humanidade, infinito...* Não quis construir um livro a partir de um esqueleto armado como os modernos edifícios são construídos. Não teria sentido na lógica complexa do vivente, do vivido. Mas também não quis evitar certas categorias que aparecem na “leitura do mundo” (Paulo Freire), esse primeiro livro de leitura de todo ser humano. O significado particular de cada uma dessas palavras aparecerá no conjunto da obra e não isoladamente.

Dividi o texto em três partes, seguindo tanto os mestres de Rousseau quanto os passos da existência humana. Na verdade, cada

parte representa um passo nesse caminho da existência humana. Trata-se também de uma **trilogia**. “Trilogia”, na Grécia antiga, era o poema dramático formado de três tragédias. Vida é bem isso: tragédia. Mas a vida é tragédia apenas pelo seu fim. Encontrei essa trilogia também em Jean-Jacques Rousseau. O corifeu da pedagogia moderna demonstrou que existem três mestres da existência: o **eu** (autoformação), os **outros** (heteroformação) e as **coisas** (ecoformação). Rousseau não nos disse como esses mestres entram em cena. Eu os coloquei numa certa seqüência associando-lhes três categorias existenciais: **autonomia**, compreensão da existência a partir de si mesmo; **solidariedade**, uma nova natureza a partir dos outros; **iluminação**, o sentido da existência humana no conjunto das coisas, do universo.

Eu poderia ter usado outras categorias. Por exemplo, “companheirismo”, em vez de “solidariedade”; “transcendência”, em vez de “iluminação”. Não foi uma escolha aleatória. Foi uma escolha motivada pedagogicamente, intencional.

São minhas palavras iniciais, palavras fundantes, mas não me apego a palavras. Elas são históricas. Minhas palavras também o são. Por isso elas têm um significado particular. Por exemplo, a solidariedade nada tem a ver com assistência social. Mesmo surgindo num certo momento histórico, ela é, para mim, necessariamente utópica, não um dado da realidade social. Companheirismo, diria Paulo Freire. O mesmo se diga de outras duas categorias — autonomia, iluminação; não esperem que eu reproduza o senso comum em relação a essas palavras. Dou-lhes um significado particular.

Eis os **passos**, as categorias, que esquematizam a analítica da existência, tal como é feita neste livro:

1º A aventura da vida começa quando buscamos com **autonomia**, já que nascemos tão dependentes. Como dizia Rousseau: “Eu vejo um animal menos forte do que uns, menos ágil do que outros, mas o mais organizado de todos”. Autonomia é “ser para si”, embora dando continuidade ao ser sujeito do outro. “Autonomia”, de *auto+nomos*, faculdade de se governar por si mesmo, tornar-se senhor do seu próprio destino. Eis o que me ensinou o primeiro mestre.

2º A aventura só pode continuar com o outro. Não podemos viver sozinhos. Como dizia Sartre: “estamos condenados a ser livres com

o outro... o outro que pode ser o meu pior inimigo”. A **solidariedade** é uma exigência ontológica. Nela é que encontramos esperança para viver. Solidariedade significa “ser para o outro”, ou melhor, encontrar-se como outro, descobrir-se no outro. A construção do sujeito coletivo. Sem solidariedade a autonomia seria puro egoísmo. “Solidariedade”, dependência recíproca, companheirismo, vínculo da vida de cada indivíduo ao destino da humanidade. A solidariedade não é uma virtude: é uma condição de sobrevivência da humanidade. Eis o que me ensinou o segundo mestre.

3º Haverá tempo para a sabedoria, para alcançar a **iluminação**, a consciência da transcendência? Iluminação significa sentido, busca de sentido, de sentido para a vida. Todo ser humano chega lá? Feliz de quem conseguir encontrar o sentido da vida. Iluminação significa integração, dissolução no mundo. Iluminado é um “ser para o mundo”, construindo o sujeito no mundo. “Iluminação”, sabedoria, suprema conquista do ser humano que consegue responder às perguntas de Kant: “Que posso saber? Que devo fazer? Que posso esperar?” Compreender o todo é deslumbrar-se perante o universo, restando apenas o espanto, a quietude. Eis o que me ensinou o terceiro mestre.

Esses passos da **existência humana** não podem ser confundidos com momentos sucessivos. Não se trata de uma evolução mecânica, necessária, inflexível. A dialética da vida está cheia de surpresas, de saltos, de retrocessos, de avanços e de recuos.

Como esses mestres aparecem na obra de Rousseau?

Eis como ele inicia o primeiro livro do *Émile* (p. 35-7 da edição original francesa):

Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem. Ele força uma terra a alimentar as produções de outra, uma árvore a carregar os frutos de outra. Mistura e confunde os climas, os elementos, as estações. Mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo. Perturba tudo, desfigura tudo, ama a deformidade e os monstros. Não quer nada da maneira como a natureza o fez, nem mesmo o homem; é preciso que seja domado por ele, como um cavalo adestrador; é preciso apará-lo à sua maneira, como uma árvore de seu jardim...

Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação...

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação.

Essa educação vem-nos da **natureza**, ou dos **homens** ou das **coisas** [grifo nosso]. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e dos nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas.

Assim, cada um de nós é formado por **três tipos de mestres** [grifo nosso]. O discípulo em quem suas diversas lições se opõem é mal educado e jamais estará de acordo consigo mesmo; aquele em quem todas elas recaem sobre os mesmos pontos e tendem aos mesmos fins vai sozinho para seu objetivo e vive conseqüentemente. Só esse é bem-educado.

Ora, dessas **três educações diferentes** [grifo nosso], a da natureza não depende de nós; a das coisas, só em alguns aspectos. A dos homens é a única de que somos realmente senhores; mesmo assim, só o somos por suposição, pois quem pode esperar dirigir inteiramente as palavras e as ações de todos os que rodeiam uma criança?

Portanto, uma vez que a educação é uma arte, é quase impossível que ela tenha êxito, já que o concurso necessário a seu sucesso não depende de ninguém. Tudo o que podemos fazer à custa de esforços é nos aproximar mais ou menos do alvo, mas é preciso sorte para atingi-lo.

Qual é esse alvo? É o mesmo da natureza, isso acaba de ser provado. Já que o concurso das três educações é necessário para a perfeição dela, é para aquela quanto à qual nada podemos que é preciso dirigir as duas outras.

Como diz Rousseau, as três educações só são diferentes em "alguns aspectos". Para que o "discípulo" seja "bem-educado", as três devem tender ao mesmo fim, isto é, à **perfeição**. E como estamos sempre a caminho dela, a educação é um processo que não acaba nunca.

Rousseau era um grande observador da natureza e da natureza humana em particular. Foi precisamente observando a vida cotidiana que ele intuiu genialmente a concorrência dessas três educações no desabrochar das potencialidades humanas. A educação é um fenôme-

no tão complexo como a vida porque é vida. Para Rousseau, nascemos bons, mas nascemos fracos e precisamos da educação. A tarefa é grande. Para nos educarmos, precisamos da concorrência de **três mestres**. São eles: a natureza humana, a sociedade e as coisas. Em outras palavras: precisamos de nós mesmos, do indivíduo (autoformação), da espécie (heteroformação) e do meio ambiente (ecoformação).

A partir de Rousseau, não há mais possibilidade de separar a educação do meio ambiente. A ecoformação, com outras palavras, está presente em sua concepção da educação. A ecologia não explica apenas a vida, mas também o desenvolvimento humano. Como indivíduos, somos seres inseparáveis da espécie e do meio ambiente. Essas relações vitais são constituintes do nosso ser no mundo, que é "sendo", não apenas pelo nosso inacabamento inicial, como queria Rousseau, mas também porque nos descobrimos inacabados permanentemente.

Rousseau, como todo educador, preocupou-se fundamentalmente com o sentido da vida cotidiana, com as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Elas se dão sobretudo no nível da **sensibilidade**, muito mais do que no nível da **consciência**. Elas se dão muito mais no nível da subconsciência: não as percebemos e, muitas vezes, não sabemos como elas acontecem. Precisamos, por isso, de uma **ecoformação** para torná-las conscientes. E a ecoformação necessita de uma **ecopedagogia**, de uma pedagogia da Terra.

A nossa natureza pessoal (autonomia), os outros (solidariedade) e as coisas (iluminação), representam também etapas da vida, momentos constitutivos da descoberta do nosso ser no mundo. O livro de Rousseau é a autobiografia de Emílio, um filho imaginário, que educou na sua mente. A primeira etapa da vida ele a chamou de idade da "natureza" e da "força"; a segunda idade, a "relação", do encontro, do amor, do casamento com Sofia; e a terceira idade, a da "separação", das viagens de Emílio, da "sabedoria".

Autonomia, solidariedade e iluminação não são conceitos utilizados por Rousseau, preocupado em descrever a educação do Emílio na sua vida cotidiana. Eu os utilizo associando-os aos seus "três mestres", pois existe, sem dúvida, uma relação profunda entre natureza e autonomia, relação e solidariedade, sabedoria e iluminação. São eta-

pas e, ao mesmo tempo, ângulos sob os quais podemos ver o ser humano, o pessoal, o social e o ecológico. A partir desses três pólos, constituímos o nosso ser no mundo. São três mestres, três forças que nos mantêm de pé, definem o que somos, o que podemos ser, estando no mundo. Somos natureza e experiência, relação e encontro, consciência e sensibilidade. Somos e “estamos sendo” sempre, como nos ensinou Paulo Freire.

Não há nenhuma relação deste livro com a corrente pedagógica chamada pelo humanista socialista polonês Bogdan Suchodolski (1907-1993), de “pedagogia da existência” (Suchodolski, 1960). Não me proponho a superar nenhum modelo pedagógico, da essência ou da existência. Entendo a controvérsia suscitada pela obra de Suchodolski e a pertinência de suas teses. Eu, pessoalmente, cheguei a trocar idéias com ele por meio de cartas, muito interessado na sua pedagogia. Foi um dos meus grandes mestres. A minha intenção, porém, não é contribuir para a superação do conflito entre uma e outra para se chegar a uma “pedagogia social”, como queria ele.

Persigo a idéia de uma reflexão radical sobre a existência, para além dos existencialismos. Havia chamado inicialmente este livro de *Raison d'être* por entender que este era o meu objeto: a razão de ser, do meu ser, de mim mesmo. Mas, como estou ligado a tudo, estou ligado também à razão de ser de tudo. Esse é o objeto de minha busca. Projeto ambicioso que, durante anos, pensei jamais poder compartilhar com ninguém. Tratava-se de um desafio próprio que ficaria dentro de mim. Parecia-me que, ao comunicá-lo, estaria traindo minha própria busca, meu próprio projeto.

A “pedagogia da existência” opõe-se à “pedagogia da essência”, dizia Suchodolski. A **pedagogia da essência** é baseada numa concepção ideal de homem, racionalista em Platão, cristã em Tomás de Aquino; parte de uma essência imutável de homem. Já a **pedagogia da existência** toma o homem como ele é e não como deve ser em função de uma essência imutável. Rousseau deu uma grande contribuição à pedagogia da existência. O que interessava a Rousseau era a vida concreta, cotidiana, o homem concreto. Ele abriu as grandes perspectivas para a pedagogia da existência. A pedagogia da existência não pode confundir-se com a pedagogia existencialista. Enquanto a pedagogia

da existência é uma pedagogia biófila, uma pedagogia do sentido da vida, da esperança, do amor, a pedagogia existencialista é uma pedagogia necrófila, dramática (Sartre), pedagogia da desesperança (Heidegger), do desespero (Kierkegaard), uma pedagogia da condenação (Stirner, Nietzsche).

A pedagogia da existência fundamenta-se na teoria da evolução da vida, no desenvolvimento da natureza (Darwin) e no desenvolvimento social (Herbert Spencer, 1820-1903). Além de Rousseau, há outros expoentes dessa corrente do pensamento pedagógico, como John Dewey (“pedagogia da ação”) e Paulo Freire (“educação como prática da liberdade”). Ela é ao mesmo tempo, dialeticamente — unidade e oposição de contrários — **individual** e **social**; entende o ser humano como existência individual e existência social. A pedagogia da existência não entende o ser humano como um ser puramente adaptativo e conformista. Nesse sentido, a pedagogia social não é a superação do conflito entre a pedagogia da existência e a pedagogia da essência, como queria Bogdan Suchodolski. Porque a pedagogia da existência é também pedagogia social. Mas Suchodolski acertou quando defendeu a tese de uma pedagogia social como “educação voltada para o futuro”. Essa deve ser uma pedagogia tanto social quanto individual, pessoal. Qualquer pedagogia que se queira voltada para o futuro será também uma pedagogia profundamente respeitosa do indivíduo, da subjetividade. O futuro, a **utopia**, é a essência do papel do educador. O educador educa em função de um futuro (melhor), de uma utopia. O que não dá para admitir é a existência de uma essência humana imutável, o que inviabilizaria qualquer ação pedagógica transformadora.

Bogdan Suchodolski tentou conciliar a pedagogia da existência e a pedagogia da essência numa “pedagogia do progresso” para a formação de um “homem novo”, omnilateral, poliédrico, recompondo homem e sociedade pela cooperação. Sua pedagogia aparece, por isso, muito mais como uma pedagogia utópica, “voltada para o futuro”, como ele dizia. Estado e subjetividade humana reconciliados, finalmente, mas... no futuro. Contudo, não foi isso o que o socialismo real fez no século XX. O Estado socialista prepotente decepcionou a Suchodolski. A solução parece estar mais em Ivan Illich (falecido em

2002) completado por Freire. Se, de um lado, é preciso “descolarizar a sociedade” (Illich) para que os jovens aprendem para além da cultura escolar reprodutivista, de outro, ainda é preciso “escolarizar a sociedade”, sobretudo em países com baixa escolaridade como a nossa. A escola, como parte da sociedade, é tão contraditória como a sociedade e pode, ela também, ser “transformadora” (Freire). Enquanto Ivan Illich era pessimista em relação a essa “vaca sagrada” (a escola), Paulo Freire nutria uma terna esperança na sua transformação pela ação coletiva e dialógica entre todos os seus agentes. Ele nos mostrou que nenhuma educação é neutra, que toda pedagogia é política. O compromisso político do educador não é um atributo a mais da sua competência. O compromisso político é parte integrante da sua competência. Isso significa que o educador que não consegue perceber as dimensões sociais e políticas do seu trabalho não é um educador competente.

Este livro também não tem nenhuma relação com o **budismo**, mesmo que eu utilize uma categoria muito freqüente na filosofia oriental: “iluminação”. Há muita verdade e sabedoria no budismo, mas este livro tem muito pouco a ver com a lenda do príncipe Sidharta Gautama. Procuramos dar ao termo “iluminação” uma conotação própria. Não cremos na existência de uma árvore da iluminação à sombra da qual o futuro Buda possa sentar-se e esperar até alcançar a iluminação. Nem cremos numa árvore do conhecimento da mitologia cristã, que nos ajudaria a distinguir o bem do mal. Gostaríamos de entender os grandes filósofos que floresceram na época em que Buda supostamente viveu, como Confúcio, Lao Tsé, Pitágoras e Heráclito, como grandes pensadores da pedagogia da existência. Todos eles deram contribuições imprescindíveis ao processo de hominização, apontando, cada um a seu modo, a senda da perfeição não como alguma coisa a ser alcançada, mas como um horizonte em direção do qual podemos caminhar com sentido. A própria negação da existência individual no budismo é uma forma de afirmá-la, pelo menos na sua fugacidade e na sua relação com o todo. Como poeira de estrelas, todos estamos unidos a todos, não importa se para uns isso se chame “Karma”, para outros causalidade, energia, “élan vital” (Bergson), “vontade” (Schopenhauer), “classe social” (Marx), “libido” (Freud) ou “life force” (Bernard Shaw). Certamente são coisas diferentes, mas todas elas

apontam para a existência do todo, de algo que transcende a pura imanência individual, ou melhor, apontam para uma nova forma de entender a imanência. O que importa é continuar a busca desse sentido maior de nossas vidas, que não se esgota no momento presente. Continuar construindo o “nosso futuro comum”. Afinal, qual a diferença entre o ser humano e os animais? Os animais lutarão sempre entre si. São incapazes de mudar o seu destino, os seus instintos. O ser humano? É diferente. Ele pode inventar o seu futuro.

Somos menos do que uma gota no oceano e muito mais do que toda a matéria existente no universo, porque podemos saber e sentir isso, e ela não. O fogo está em todas as coisas. Quando o apagamos, ele não desaparece, ou, se desaparece, ele não é aniquilado para sempre. Ele vai tornar-se visível quando o acendermos de novo, de novo, de novo... sempre. É assim que posso entender a genial poesia de Drummond de Andrade quando afirma: “Estou renascendo em cada ipê”. O que será essa energia, essa matéria? Ainda não sabemos. Em seu livro sobre Buda, Jorge Luís Borges cita uma passagem de Shakespeare: “somos feitos da matéria de sonhos” (We are such stuff as dreams are made on). Só o sonho, a utopia, é capaz de nos unir a todos. Porque é nossa “matéria” comum. Como indivíduos, um dia tudo perderemos, inclusive a quem mais amamos. É a vida, simplesmente. Desejamos continuar existindo para sempre. Mas, na morte, “sou apenas o meu cadáver”, como costumava dizer Darcy Ribeiro. Isso não me impede de lembrá-lo. Ao evocar o seu nome, chamo-o à existência... de outra forma.

O universo é movimento, **fluir do insondável**. Nesse universo, não há abertura para o não-universo, que nos daria o distanciamento necessário para compreendê-lo. É como se estivéssemos em um trem em movimento. Não podemos parar esse trem para vê-lo melhor. Não há como parar a vida, o universo; “descer” deles e contemplá-los de longe, ou de perto, para entendê-los melhor. Precisamos entendê-los no próprio processo de nossa existência, em meio a eles. Precisamos compreendê-los a partir dos dados, informações, conhecimentos e intuições oferecidos no curto espaço-tempo de que dispomos na travessia do nascimento-morte de cada um. No fluir do tempo que decorre do nascimento à morte, pela reflexão-meditação conseguimos com-

prender, sempre em movimento, o próprio movimento do universo. Mas é sempre uma compreensão limitada.

Ninguém vive o suficiente para realizar tudo o que deseja. A maioria, aliás, vive realizando tudo o que não deseja. Passa a vida num trabalho penoso, estressante, produzindo sem saber para quê.

Nos momentos de lucidez em que homens e mulheres conseguem escapar a esse processo de alienação, surgem, inevitavelmente, duas perguntas: **que futuro tenho eu? Que fiz da minha vida até agora?** A vida transcorre entre o passado e o futuro. Mesmo não respondendo conscientemente a essas perguntas, as respostas que damos na vida cotidiana orientam a direção que tomamos.

Mesmo que não possamos ver de longe nossa existência, podemos ver nosso planeta como uma pequena e distante bola azul, como foi vista pelos astronautas. Podemos nos distanciar do planeta e da nossa existência. "Lá está o planeta Terra onde eu vivi. Como administrei o pouco tempo que por lá passei? Que palavras aprendi lá?"

De longe, eu posso dizer que "saudade" é a palavra que aprendi com mais facilidade no tempo que lá fiquei. Ela resume tudo o que sentia e sinto, tudo o que fiz e ainda estou fazendo. Agora, nunca mais voltarei lá. O que resta é recordar. Da minha passagem lá, só existem "lembranças". Eu poderia dizer isso me imaginando fora do tempo e do espaço. E poderia continuar: "Não estou falando de nenhuma terra estranha. Estou falando de um planeta distante, onde deixei minha existência, e hoje me encontro tão longe, tão distante, que consigo alcançá-lo apenas com a velocidade do pensamento. Estou retornando a ele em pensamento para relatar como foi que eu lá vivi, com os seus habitantes, sendo um entre eles e, ao mesmo tempo, não sendo nenhum deles". Podemos nos imaginar de longe, fora do espaço e do tempo.

O que fizemos enquanto lá estivemos, no plural, no singular? Continuidade, ruptura. Sonhos que nasceram e que se foram. Diariamente buscando razões para existir. O que fizemos? O que faremos? O que é possível fazer? Será mesmo preciso fazer alguma coisa ou será suficiente contemplar o fluir da existência? Por que estamos buscando sempre fazer alguma coisa em vez de nada fazer? Por que simples-

mente deixar passar o tempo, olhar para o infinito e nada fazer? Por que assumir responsabilidades perante a vida?

Às vezes, sentimos vontade de chorar, de nos comunicar com outras formas de expressão. A emoção toma conta de nós. O que fazer? Esperamos um telefonema de alguém que nos ama. Buscamos amar e não nos encontramos no amor. Por que queremos que tudo esteja tão certinho, organizado, racional, com sentido? Buscar sentido, razão para viver? Há sentido em tudo isso? Interrogações sobre a existência. O sisudo Heidegger certamente estaria rindo-se de nós: somos *Dasein*, seres divididos, seres fora de espaço e de lugar, incompletos, e pensamos que um dia poderemos atingir a completude. Nada disso. Continuamos desesperadamente incompletos, inacabados, em busca. Nunca chegaremos à "maturidade". Para fugir à necessidade de enfrentar questões fundamentais, como a **razão de nossas vidas**, nos envolvemos em projetos, em objetivos a atingir, seguindo para a frente, remando sem saber para onde vamos. Aliás, sabemos. Tudo termina numa grande frustração. Sabemos que, no final de todos os nossos projetos, só sobrar a decepção. Talvez aí sintamos a necessidade de simplesmente ouvir uma música, de desejar mais profundamente o amor, de buscar sentido no olhar o outro que também deseja compreender.

O vento movimentava as palmeiras. As palmeiras, as árvores, falam, gesticulam, gritam, e os humanos as ignoram. Elas sorriem. Elas estendem seus ramos, suas mãos, suas folhas, suas flores, e os humanos não vêem, não escutam, desprezam a **Terra**, os seus frutos. Não aprendem nada com ela. A Terra, esse é o nosso sonho, nosso lar, nosso aconchego, nossa toca. Não viemos ao mundo. Viemos do mundo. Somos não apenas parte dele. Somos a própria Terra, viva, em evolução... nos transformaremos nela... somos ela. Somos fragmentos dela, fragmentos de estrelas, poeira do além do além do além...

E continuamos fugindo dela. Quantos seres humanos nunca abraçaram uma árvore, nunca sentiram o seu ser! Quantos seres humanos ainda não perceberam a razão de ser da sua existência! Quantos ainda estão fugindo? Quantos ainda não se interrogaram sobre o sentido da sua existência, a razão de ser da sua existência?

Eu não consigo fugir dessa interrogação. Olho para a rua, olho para os meus alunos, para os meus filhos, olho ao meu redor e não consigo ficar indiferente. Deixem-me falar, dizer o que sinto. Talvez não tenha nada de fundamental a dizer. Talvez seja pura banalidade. Mas tenho necessidade de lhes falar, de falar a mim mesmo, a meus filhos, a meus pais, a meus irmãos, alunos e alunas, a meus amigos, falar a quem amo. Perdoem-me, sinto necessidade de lhes dizer algo. Por favor, tentem me compreender⁶.

6. Espero não incomodar o leitor, mas seria melhor que ele lesse meu livro acompanhado de uma boa música. Eu o escrevi ouvindo música *new age*. Você não precisa ler este livro na ordem dos capítulos. Pode começar por qualquer um deles.